

APRESENTAÇÃO

Masculinidade e religião: Enfim, uma mesa-redonda!

Lília Dias Marianno*

Este número de *Mandrágora* apresenta novidades, algumas das quais já foram mencionadas por Fernanda Lemos no editorial. Além disso, ele apresenta uma nova estruturação para os textos, distribuindo-os em duas seções – Artigos e Comunicações – que articulam o debate entre doutores e mestres, entre professores e alunos de dentro e de fora do programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Metodista. Um outro diferencial, ainda, tem a ver com os temas abordados por nossas(os) articulistas.

Sandra Duarte de Souza abre esta edição com um levantamento do estado da questão, em “Masculinidade e religião: trajetórias de gênero no Brasil”. A autora nos mostra que somente no campo das Ciências da Religião é que não há muita presença de mulheres analisando a temática, enquanto no da Sociologia grande parte dos estudos sobre masculinidade é realizada por mulheres. Ela nos desafia à inovação nas Ciências da Religião. Convida-nos a mesclar o debate com especialistas homens e mulheres, pois a sociedade, constituída por duas categorias de sexo, não deve ser privada das análises de ambas sobre um tema tão importante. A proposta da autora é o objetivo deste n. 12 de *Mandrágora*, cujo conteúdo constitui, enfim, uma verdadeira “mesa-redonda”, um painel composto por homens e mulheres, historiadoras(es), sociólogas(os), antropólogas(os) e teólogas(os) para discutir o tema de nossa revista.

Masculinidades em crise? É a questão colocada em cheque por Miriam Pilar Grossi. Em “Masculinidades: uma revisão teórica”, ela oferece uma importante contribuição para a epistemologia de gênero ao analisar masculinidades sob o prisma antropológico. Trata de temas como trabalho, honra, violência, paternidade e afetividades. Além disso, questiona os graus de mudanças provocados pela globalização e pela pós-modernidade nas identidades masculinas, não vendo tais mudanças como crises, mas fazendo uma revisão da questão como o artigo realmente se propõe. Uma pérola do texto é o amplo diálogo da autora com outros pesquisadores do campo e a fartura de obras que ela menciona em seu estudo.

O magnetismo da revisão de Grossi capturou as análises das(os) demais integrantes de nossa “mesa-redonda”. Vários tópicos abordados pela autora

* Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Rio de Janeiro e mestranda em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo.

receberam um novo enfoque ou algum aprofundamento a partir de outra(o) articulista. Ela tornou-se, assim, uma espécie de “moderadora” de nossa mesa.

Começando com os temas paternidade e violência, Adilson Schultz, em “Masculinidade e teologia”, se vale de um recurso que lhe é muito peculiar: a presença bem-humorada e tocante do bibliodrama como categoria de diálogo com um texto. Traz também a voz dos homens dos grupos de discussão sobre masculinidade realizados em ambiente religioso. O autor propõe uma revisão da “masculinidade” do Deus propagado pela teologia cristã e trabalhar relações de poder entre homens e homens, além de mostrar o desconforto/incômodo que sentem os homens diante de alguns aspectos generalizantes das análises de gênero, que tendem a ser pouco dialógicas quando se trata de masculinidade.

Tomando de certa forma a trilha iniciada por Schultz, Sócrates Nolasco, em “Masculinidade e infanticídio: a experiência de Isaac”, faz uma interessante análise sobre o terror como componente da construção da identidade masculina. O autor relaciona diversos exemplos da história das religiões nos quais se verifica a relação entre “pai sacrificante e filho sacrificado” como uma experiência geradora de comportamentos masculinos associados à violência e legitimados pela religião e por textos sagrados. Para ele, a dificuldade que os homens têm de definir o “ser homem” é derivada mais da preocupação em se esquecer o terror do que em descrevê-lo, pois importantes componentes psíquicos foram ativados e, muitas vezes, ser homem significa ter sido traído pelo amor conferido ao próprio pai.

Carlos Calvani, em “Gemidos da criação e arpejos da teologia: sussurros éticos nos ouvidos da Igreja”, nos conduz, numa turnê histórica, até a raiz dos conflitos entre a dogmática dos pais da Igreja e as questões de sexualidade. Revisando conceitos como sodomia e “pecado contra a natureza”, o autor elenca uma série de questões que devem permear as decisões éticas da Igreja, ao invés de supervalorizar o “dogma” em detrimento do indivíduo. Encerrando seu artigo, ele propõe uma revisão da ética eclesial, principalmente no que se refere à homossexualidade.

A parte final do mencionado artigo de Schultz serve, por assim dizer, de gancho para o texto de David Knowlton, que enriquece este número da revista com sua pesquisa singular intitulada “Vivir con el espíritu: vidas internas mormonas, género, sexualidad y tensión religiosa”. Knowlton analisa, num primeiro momento, pilares básicos da vida religiosa dos mórmons, como relações de família e vida comunitária, evidenciando o lugar privilegiado ocupado pela espiritualidade nestas relações. Num segundo momento, ele trabalha os desafios entre o que a Igreja Mórmon compreende como sua missão e a questão da inclusão/exclusão de *gays* em seu âmbito comunitário.

Adilson Schultz retoma de novo a palavra, direcionando o debate para outro tópico levantado pelo texto de Miriam Pilar Grossi: a construção da identidade masculina. Em: “Ser-tão home: a ambigüidade masculina em *Grande sertão: veredas*”, Schultz focaliza a masculinidade como construção social e os efeitos conflitantes na vida dos personagens Riobaldo e Diadorim. O autor usa a ambigüidade da linguagem como critério para o debate do masculino e das relações de gênero, já que a alma masculina e suas nuances revelam-se de forma extraordinária na obra do romancista.

A questão “papel social masculino e corporeidade” é analisada, desta vez, por Fabíola Holanda, em *A doença do abandono e da perda: história oral com moradores*

da comunidade Santa Marcelina, em Rondônia". O artigo é fruto da pesquisa de campo da autora numa pequena cidade do noroeste brasileiro, onde a doença é o elo entre seus habitantes. A hanseníase, que por muito tempo tem sido estigmatizada como castigo divino, fruto de pecado ou impureza religiosa, provoca em seus portadores o sentimento de exclusão e, principalmente nos homens, ocasiona humilhação, perda do emprego e da identidade masculina. Os homens hansenianos, porém, agasalham a esperança de resgatar esta identidade ao voltarem curados para suas casas e suas ocupações, numa espécie de "retorno do herói" de uma longa batalha pela vida e pela sua masculinidade.

A seção Comunicações contribui com três matérias para nossa "mesa-redonda". Uma retomada teórica é feita por Francisco Reyes Archila em "La masculinidad como una construcción imaginaria: reflexiones para ayudar a reencantar nuevas maneras de ser masculino". O autor faz uma revisão do estatuto epistemológico da masculinidade no pensamento ocidental. Determina quais colunas vertebrais sustentam esta masculinidade dominante e nos desafia a usar a criatividade, a negação e a eufemização, recursos da imaginação, na construção de uma masculinidade mais humanizante/humanizadora. Retomando o questionamento de Miriam Grossi sobre até que ponto a masculinidade se encontra realmente em crise ou está sendo reconstruída, Archila propõe um modelo de superação.

A proposta de reconstrução da identidade masculina constitui uma espécie de gancho coincidente para o texto de Fernanda Lemos, que, em "Trânsito religioso e masculinidade: uma análise de gênero das motivações para a mobilidade religiosa de homens no período contemporâneo", insere a temática de forma pertinente nas categorias pós-estruturalistas e pós-modernas. A autora faz um levantamento da identidade masculina preconizada e mantida pela religião institucionalizada, analisando o antagonismo entre a masculinidade "pregada" e as novas possibilidades de masculinidades em voga. Como a religião modela a masculinidade contemporânea e de que forma se comporta o homem religioso diante desta modelagem? São as questões trabalhadas pela autora.

Encerrando a seção de Comunicações, Lília Dias Marianno, em "Masculinidade: queremos conversar sobre isso! "Uma proposta curricular para graduações de Teologia", faz uma articulação entre os temas desenvolvidos neste n. 12 de *Mandrágora*, retratando um pouco de sua experiência docente por dois anos consecutivos em cursos de graduação em Teologia, nos quais o corpo discente é 90% masculino. O texto resulta de diversos debates em classe e de conversas de corredor nos horários de intervalo para os quais os alunos estendiam a discussão sem vontade de terminá-las. Representa certo "clamor", por parte deles, para que tais temas sejam inseridos na grade curricular em alguma disciplina obrigatória dos cursos.

Em seqüência as comunicações, apresentam-se, ainda, resenhas de duas obras importantes sobre masculinidade lançadas recentemente: Fernanda Lemos comenta *A construção social da masculinidade*, de Pedro Paulo de Oliveira; e Lília Marianno, *Corporeidade, etnia e masculinidade*, organizada por André Musskopf e Marga Ströher. Por fim, Isabel Félix fecha este n. 12 com o registro sobre a participação do Mandrágora/Netmal no I Encontro Nacional "Pensando gênero e ciências", ocorrido em Brasília de 29 a 31 de março deste ano.

Trabalhar nesta edição de *Mandrágora* foi um enorme prazer. Cada autora(o) contatada(o) e cada artigo recebido nos deram a certeza de que estamos trazendo

uma importante contribuição para o incremento das discussões sobre gênero e masculinidade. Queremos deixar registrado nosso profundo agradecimento a todas(os) as(os) autoras(es) pela importante e valiosa contribuição. Sabemos que as questões aqui levantadas estão longe de ser solucionadas ou fechadas, mas estamos muito felizes em ter ajudado a construir alguns degraus nesta escalada. Esperamos que você, leitora(res), possa saborear este fruto gostoso tanto quanto nós.